

PODE O PROFESSOR ESCUTAR-SE E ESCREVER-SE NO ENCONTRO COM O OUTRO? Devires otobiográficos

Thaís Cristina Rodrigues de Carvalho Sampaio
Emília Carvalho Leitão Biato

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão teórico-filosófica sobre a docência como prática ética atravessada pela escuta, pela alteridade e pela escrita. Em oposição a concepções tecnicistas do ensino, ancora-se na filosofia da diferença, com Derrida, Deleuze e Corazza, para pensar a aula como acontecimento e espaço de permanente invenção. Tematiza-se o professor pode escutar-se e escrever-se no encontro com o outro, articulando os conceitos de acontecimento e otobiografia. O acontecimento é visto como o que escapa ao controle e desestabiliza o sujeito, enquanto a otobiografia mostra que toda escrita é atravessada pelo outro. A docência é concebida, assim, como processo otobiográfico, no qual o professor se escreve ao contatar a alteridade com os estudantes. Este contato ultrapassa o plano técnico e torna-se acolhimento, abertura e transformação. Defende-se que, mesmo sob padronizações e normatizações, a docência pode afirmar-se como espaço de invenção, resistência e abertura ao imprevisível.

Palavras-chave: formação docente; otobiografia; acontecimento.

CAN THE PROFESSOR LISTEN AND WRITE THEMSELVES IN THE ENCOUNTER WITH THE OTHER? Otobiographical becoming

Abstract

This essay proposes a theoretical-philosophical reflection on teaching as an ethical practice traversed by listening, alterity, and writing. In opposition to technicist conceptions of teaching, it is grounded in the philosophy of difference, drawing on Derrida, Deleuze, and Corazza, to think of the class as an event and as a space of continuous invention. It thematizes whether the professor can listen to and write themselves in the encounter with the other, articulating the concepts of event and otobiography. The event is understood as that which escapes control and destabilizes the subject, while otobiography reveals that every writing of the self is always already inscribed by the other. Teaching is thus conceived as an otobiographical process, in which the teacher writes themselves when engaging with the otherness of the students. This engagement goes beyond the technical level and becomes welcoming, openness, and transformation. It is argued that, even under standardization and regulation, teaching can assert itself as a space of invention, resistance, and openness to the unpredictable.

Keywords: teacher education; otobiography; happening.

¿PUEDE EL PROFESOR ESCUCHARSE Y ESCRIBIRSE EN EL ENCUENTRO CON EL OTRO? Devenires otobiográficos

Resumen

Este ensayo propone una reflexión teórico-filosófica sobre la docencia como práctica ética atravesada por la escucha, la alteridad y la escritura. En oposición a concepciones tecnicistas de la enseñanza, se fundamenta en la filosofía de la diferencia, con Derrida, Deleuze y Corazza, para pensar la clase como acontecimiento y como espacio de constante invención. Tematiza si el profesor puede escucharse y escribirse en el encuentro con el otro, articulando los conceptos de acontecimiento y otobiografía. El acontecimiento se entiende como aquello que escapa al control y desestabiliza al sujeto, mientras que la otobiografía muestra que toda escritura de sí está siempre atravesada por el otro. La docencia se concibe, así, como un proceso otobiográfico, en el cual el docente se escribe al entrar en contacto con la alteridad de los estudiantes. Este contacto trasciende el plano técnico y se convierte en acogida, apertura y transformación. Se defiende que, incluso bajo estandarizaciones y normativas, la docencia puede afirmarse como espacio de invención, resistencia y apertura a lo imprevisible.

Palabras clave: formación docente; otobiografía; acontecimiento.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a docência foi concebida como uma prática centrada na transmissão sistematizada de conhecimentos, em que o professor detém o saber e o estudante ocupa posição de receptor passivo. Essa concepção tecnicista, criticada por Freire (1987) como educação bancária, funda-se em relações verticais e desconsidera dimensões relacionais. Tardif (2002) também evidencia que os saberes docentes foram muitas vezes associados ao domínio e à reprodução dos conteúdos escolares, negligenciando a subjetividade da prática pedagógica.

Na filosofia da educação, destacam-se abordagens que deslocam o ensino de mera instrução para prática relacional e ética, na qual o outro é reconhecido como sujeito e a aula se torna espaço de invenção. A ética, nesse sentido, é entendida como responsabilidade primordial pelo outro, conforme Lévinas (1980), para quem a subjetividade se constitui no acolhimento da alteridade irreduzível do outro (Martino, Marques, 2019). Assim, a ética da alteridade não se limita a princípios abstratos, mas se manifesta concretamente na prática docente, no modo como o professor se dispõe ao encontro com o outro, acolhendo sua diferença e permitindo que o encontro se torne produtivo e transformador. Com inspiração em Corazza (2019), é possível pensar a docência como acontecimento: processo que escapa às abordagens pedagógicas tecnicistas e se constitui na imprevisibilidade do encontro, na potência da escuta e na abertura ao outro. No pensamento de Derrida (2012), o acontecimento não é algo simplesmente previsível, mensurável ou programável. Ele se caracteriza por sua surpresa, por não ser antecipável, algo que escapa ao controle e à lógica do possível. Derrida (2012) entende o acontecimento como aquilo que surpreende e transforma, que não pode ser antecipado, exigindo uma nova forma de pensamento e de abertura ao porvir.

O termo otobiografia, proposto por Derrida (2021), questiona os limites da autobiografia tradicional ao reconhecer que toda escrita de si é também uma escrita do outro. Em francês, *autobiographie* e *otobiographie* soam iguais, mas diferem na grafia — jogo que expõe que o *auto* nunca é plenamente autônomo: toda escrita de si é atravessada pelo outro. Escutar-se por meio do outro é condição para a escrita de si. Monteiro (2007) opera a otobiografia como escuta das vivências

formativas inscritas nos textos, que reconhece a instabilidade do sujeito e o potencial criador da linguagem. Assim, pensar a docência como processo otobiográfico significa reconhecer que o professor se escreve ao escutar os estudantes.

Este ensaio propõe articular otobiografia e docência como acontecimento, tematizando: pode o professor escutar-se e escrever-se no encontro com o outro? A hipótese é de que a escuta da docência revela algo do próprio gesto docente, numa dobra em que, ao deixar-se tocar pelo outro, o professor também se escuta e se escreve. Nesse movimento, o professor não apenas ensina, mas se transforma.

A relevância dessa discussão se acentua frente ao contexto atual da formação docente, marcado por métricas, padronizações e pressões por eficiência, que tendem a esvaziar dimensões afetivas e éticas. Pensar a docência como experiência otobiográfica é um ato de resistência e invenção. A proposta também se ancora no pensamento de Nietzsche (1995) e na filosofia da diferença, particularmente nos escritos de Deleuze (1988) e Derrida (2005), e em produções contemporâneas que reivindicam a aula como espaço de criação.

O argumento dialoga ainda com experiências acadêmicas na saúde. Particularmente na Odontologia, Carvalho (2020), ao analisar cartas escritas por estudantes ingressantes ao *eu do futuro*, notou que estas mostravam tensões e desejos que ultrapassavam a formação técnica. A escrita funcionou como dispositivo de escuta e invenção de si, mostrando que ensinar e aprender envolvem dimensões subjetivas que não podem ser reduzidas a conteúdos. Trata-se, portanto, de reconhecer a docência como prática que envolve subjetividade e ética.

Assim, este ensaio defende que a compreensão da docência como espaço de escuta e de escrita de si configura-se como prática fundamental para repensar a formação de professores. A pergunta central — pode o professor escutar-se e escrever-se no encontro com o outro? — revela-se como provocação filosófica e política: seria possível ensinar sem contatar o inventar-se?

OTOBIOGRAFIA: ENTRE LINGUAGEM, ESCUTA E ALTERIDADE

A otobiografia, conforme Monteiro (2020), significa escutar a biografia, que se fundamenta no conceito de vivências e individuação nietzschiano. Segundo Nietzsche (1995), a escuta permite a obtenção do sentido das vivências, as quais atuam na produção escrita. Diferente da análise psicológica ou de análise de base estruturalista, que buscam significados estritamente vinculados aos signos, a otobiografia privilegia os signatários: o que dizem a partir de suas experiências (Campos, 2012; Santana, 2010). Nesse sentido, desloca o biografismo tradicional ao mostrar que escrever sobre si é ser atravessado pela linguagem do outro (Ferreira, 2014).

Ao aproximar a noção de otobiografia do campo da docência, este ensaio propõe compreendê-la como prática que se constitui na escuta de si por meio do outro. Assim como na escrita, em que o sujeito é atravessado pela presença do outro, o ensinar e aprender acontecem nesse espaço de diálogo e tradução — entendida, segundo Corazza (2019), como movimento criador, que ultrapassa a simples correspondência de palavras e inventa sentidos. A escrita de si não é solitária, mas se constitui na tensão entre singularidade e alteridade.

Dessa forma, a docência deixa de ser mera transmissão, configurando-se como experiência de invenção do sujeito e de acolhimento ao indeterminado. A escuta, então, ultrapassa a função de interpretar dados, tornando-se uma condição existencial que convoca o professor a se refazer continuamente. Trata-se de um método que desloca a escuta para além do empírico, confrontando

o professor com sua própria condição de inacabamento e permanente composição, além de o instigar a reconhecer a presença do outro como constitutiva de sua própria narrativa.

Nos estudos sobre formação docente e educação em saúde, a escrita otobiográfica tem se mostrado um dispositivo potente de investigação qualitativa. Em uma pesquisa que analisou cartas escritas por estudantes ingressantes no curso de Odontologia, observou-se que a escuta de si opera como exercício de alteridade (Carvalho, 2020). As angústias e os desejos individuais mostraram atravessamentos subjetivos implicados no processo formativo, um movimento de autoconstrução que se dá pela linguagem e pelo afeto. A escrita otobiográfica permite acessar camadas do vivido que não se revelam por meio de instrumentos quantitativos ou avaliações tradicionais. Escrever sobre si é uma forma de escutar-se na diferença, é transformar a linguagem em espaço de hospitalidade ao outro (Derrida, 2004).

Escrever sobre si próprio transcende a memória, produzindo simultaneamente presença e ausência: a presença do relato e a ausência do sujeito que já não é o mesmo de quem o produziu. A escuta otobiográfica exige da docência uma posição que mobiliza afetos, não apenas técnica, orientada pela valorização da singularidade. Como aponta Biato (2021), a docência que se abre ao acontecimento é aquela que se permite habitar as bordas, lidar com a instabilidade e com o não saber, reconhecendo que o outro sempre escapa à forma; trata-se de uma prática que se manifesta não apenas no ensino formal, mas em múltiplos cenários de aprendizagem.

Por isso, ao adotar a otobiografia como método, não se trata de buscar uma verdade sobre o sujeito, mas de acolher os fragmentos marcados por linguagem, escuta e alteridade.

A DOCÊNCIA COMO ACONTECIMENTO E TRADUÇÃO

Ao mobilizar o termo acontecimento, parte-se da compreensão de que este não se refere a algo previsível ou controlável, mas ao que se inscreve no campo do porvir e do incalculável (Derrida, 2004). O acontecimento carrega a potência da diferença: não é mera repetição do mesmo, mas aquilo que desestabiliza certezas, desloca identidades fixas e convoca sujeitos a se inventarem. Na docência, pensar o ensino como acontecimento é reconhecer a dimensão imprevisível de cada encontro, que não se reduz a planos ou objetivos, mas se produz no encontro entre sujeitos.

Trata-se de deslocar a docência da reprodução para a criação. Como propõe Corazza (2019), a aula pode ser compreendida como um ato poético, criativo e tradutório — não como um dever ou modelo a seguir, mas como uma perspectiva que reconhece no ensinar um gesto de invenção do mundo. Traduzir, nesse contexto, não significa repetir o mesmo, mas dar forma a algo novo a partir do encontro. O professor traduz vozes, gestos e silêncios em práticas pedagógicas que produzem sentido e, por vezes, provocam deslocamentos, tanto nos estudantes quanto em si mesmo.

A filosofia da diferença sustenta esta perspectiva ao valorizar o devir e a ruptura com formas fixas de pensar e agir: ensinar não é conduzir a um saber já dado, mas instaurar condições para o surgimento do novo (Deleuze, 1988). A escuta ética não visa dominar, mas deixar-se afetar. Esta postura também pode ser concebida como uma escuta do impossível, no sentido derridiano de aporia: há sempre um resto, um excesso que escapa à captura pela palavra. Como propõe Corazza (2019), a docência configura-se como tradução, uma prática que não busca fidelidade ao original, mas sim criação de sentidos.

Aquino, Corazza e Adó (2018) reforçam que a didática não se limita à mediação, mas constitui espaço de criação e intervenção. Nessa perspectiva, a técnica não é negada, mas inventada:

planejar a aula é apenas ponto de partida para o imprevisível. Como discutido também por Corazza (2019), o modelo transmissivo é desconstruído e substituído por uma compreensão da aula como tradução, não no sentido de equivalência, mas como transcrição — entendida como um gesto de criar, deslocar e inventar sentidos, como um processo que vai além de transmitir conteúdos, relacionado à produção de algo novo a partir do encontro com o outro, com a linguagem e com o mundo, conforme destacado no trecho: “[...] a escreitura transcriadora de uma matéria exige o seu pincel, a sua pluma e o seu martelo, para guardar o que lhe é próprio, em termos de significação errante; sem, no entanto, restringir-se a ela” (Corazza, 2019, p. 8). Essa metáfora reforça a ideia de que ensinar é um ato criativo e dinâmico, que conserva traços originais sem se limitar a eles.

Diante desses argumentos, entende-se que as práticas docentes precisam escapar aos protocolos tradicionais e instaurar formas de escuta mais sensíveis e abertas. Como reflete Ronai (1987, p. 14), “o poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível [...]. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível”. Assim, escutar aquilo que não se enquadra no plano de aula é, portanto, um exercício de tradução do que não cabe nas categorias previsíveis. A aula se torna, então, um lugar de produção de sentidos e de invenção. E é justamente nesse encontro de singularidades que a docência encontra sua dimensão mais profunda: ser, ao mesmo tempo, tradução e acontecimento.

A OTOBIOGRAFIA NA DOCÊNCIA

É nesse espaço de tradução que a otobiografia e a docência se entrelaçam. O gesto de ensinar, concebido como exposição à alteridade, aproxima-se da escrita de si, uma vez que ambos envolvem o risco e a abertura ao que desestabiliza o sujeito. A escuta daqueles que experienciam o ensino não apenas amplia o saber docente, mas o inventa continuamente. O professor deixa de ocupar a posição de soberania da palavra para ser reconhecido como sujeito atravessado pelas vozes que escuta e acolhe.

Biato *et al.* (2020), em pesquisa com professores da área da saúde, oferecem importante contribuição à compreensão da docência como processo de invenção de si, tomando como método a abordagem biografemática. O estudo mostra que o tornar-se professor não se limita à aquisição de técnicas ou ao domínio de conteúdos, mas envolve um percurso singular, tecido pelas experiências, encontros, memórias e desejos que atravessam o docente. Inspiradas na filosofia da diferença e no pensamento de Nietzsche e Barthes, as autoras compreendem a docência como prática artística, uma arte de estilo, em que cada professor atua como autor de sua aula, mesmo diante de currículos normativos e espaços institucionalizados. A noção de biografema aproxima-se da otobiografia ao reconhecer os rastros do vivido como legítimos para refletir a formação docente.

Como destaca Nietzsche (1873, p. 211), “nossa vivência — eis aí nossa roupa”, o vivido se produz na invenção contínua de si mesmo. Ao considerar os relatos de formação de professores e estudantes, observa-se que o processo docente se constitui no entrelaçamento de múltiplas histórias. A docência se mostra, então, como lugar em que a escuta do outro convoca a uma contínua composição de si. Escrever-se no outro é, portanto, aceitar que a constituição do estilo de docência é sempre provisória, inacabada e profundamente relacional.

OBJEÇÕES E DESLOCAMENTOS

Uma das objeções mais recorrentes às abordagens que valorizam a escuta e a subjetividade reside na crença de que a prática pedagógica, como exemplo, a área da saúde, exige clareza, objetividade e domínio técnico. Considera-se que o investimento em experiências singulares e narrativas subjetivas poderia comprometer a eficácia, a neutralidade e a precisão exigidas na formação profissional. No entanto, essa crítica baseia-se em uma dicotomia equivocada entre razão e afeto, entre técnica e sensibilidade, como se fossem campos excludentes (Bachelard, 1996).

O que se propõe aqui não é a substituição do conhecimento técnico pela emoção, nem a negação da importância da estrutura pedagógica. Trata-se, antes, de reconhecer que todo encontro relacionado ao ensino é também um encontro ético, atravessado por afetos e escuta que não podem ser reduzidas a protocolos. Assim, é preciso que o acontecimento seja incluído no corpo didático da aula, ou seja, admitir que o imprevisível, o relacional e o sensível são constitutivos do processo educativo (Aquino, Corazza, Adó, 2018).

No contexto da educação na saúde, essa perspectiva adquire ainda mais relevância. A forte presença dos saberes biomédicos e técnico-científicos nos currículos de áreas como a Odontologia tende a reforçar modelos formativos baseados na objetividade e na padronização. No entanto, estudos qualitativos indicam que a escuta das vivências amplia o entendimento do processo formativo e enriquece a prática pedagógica (Carvalho, 2020), pois a ação de ouvir as vivências é ação-sensação do pesquisador, e essa escuta também transforma aquele que ensina.

Corazza (2019) afirma que a aula compreendida como acontecimento é mais potente, entendida como espaço que escapa à linearidade do plano e se abre ao devir — um acontecimento que pode se manifestar não apenas em aulas tradicionais, mas também em supervisões de estágio, orientações de trabalhos, grupos de discussão, uso de recursos dinâmicos de ensino e outros contextos formais, informais ou não-formais na educação superior. Isso não significa rejeitar a organização metodológica, mas reconhecer que o planejamento pedagógico convive com o imprevisível e se constitui nas presenças que atravessam cada encontro. A escuta otobiográfica, nesse sentido, não contradiz o rigor técnico, mas o tensiona, o expande e o reinscreve dentro de uma perspectiva mais ampla de formação humana.

A filosofia da diferença, ao propor um pensamento em movimento, oferece elementos para esse deslocamento: o saber não é uma estrutura fixa, mas um campo de forças em constante transformação. A docência, então, não se reduz à técnica nem se dissolve na subjetividade; ela se configura como um campo tensionado, em que saberes científicos, experiências vividas e relações interpessoais se entrelaçam de modo dinâmico e ético. Formar não é apenas transmitir conteúdos ou desenvolver competências, mas implicar-se na constituição de sujeitos capazes de pensar, sentir e agir responsavelmente no mundo. Nesse sentido, a escuta, compreendida não como simples técnica comunicativa, mas como atitude ética diante da presença do outro, torna-se fundamental para que o processo formativo ultrapasse a lógica da padronização e do desempenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que orienta a presente tematização — pode o professor escutar-se e escrever-se no encontro com o outro? — não busca apenas uma resposta afirmativa, mas uma problematização do lugar do docente no encontro pedagógico. À luz da filosofia da diferença, foi possível argumentar que a docência, quando atravessada pela escuta otobiográfica, constitui-se

como prática ética e política. Ensinar não se reduz à transmissão de conteúdos, mas se realiza como travessia afetiva, em que o professor é continuamente reconfigurado pelas narrativas que acolhe.

A articulação entre otobiografia e docência não sugere que o ensino seja simplesmente um espaço de constituição subjetiva, mas que a prática docente se torne mais potente quando permeada pela otobiografia, contribuindo também para a formação docente e para a reflexão de suas próprias atuações pedagógicas. Trata-se de uma escuta dupla: do outro e de si mesmo, em um encontro que transforma quem escuta ao reconhecer a presença do outro como constituição compartilhada de sua narrativa. Escutar o outro, seus relatos, silêncios e hesitações, implica abertura e transformação. Nesse processo, a figura do professor desloca-se da centralidade técnica e do domínio discursivo para um lugar de exposição sensível, em que a escuta se torna um gesto de cuidado, invenção e resistência. A aula, nesse contexto, deixa de ser apenas execução de um plano e passa a operar como acontecimento singular, imprevisível, permeado pela participação do outro.

Em tempos marcados pela padronização do ensino, exemplarmente na área da saúde, e pela valorização de modelos pedagógicos centrados na suposta objetividade da mensuração, afirmar a otobiografia como prática formativa é também um ato de resistência. Ao valorizar a singularidade do vivido, a linguagem e a alteridade como dimensões constitutivas da docência, propõe-se uma pedagogia que não recusa o poder de agir, mas conjuga-o à sensibilidade.

Reconhecer o potencial formativo da otobiografia é defender uma docência em que o saber se constrói no encontro, sustentado pelo planejamento, pelo acompanhamento e pelo companheirismo, mas igualmente aberto ao imprevisível. Assim, o ensino pode ser compreendido como uma travessia compartilhada, em que os processos educativos não se reduzem a um roteiro fixo, mas se escrevem como obra em devir, constantemente tecida na presença e na escuta do outro.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Por alguma poética na docência: a didática como criação. *Educação em Revista*, v. 34, p. e169875, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/83mPDtP5xnCmMDF4tJch9RH/?lang=pt>. Acesso em 24 jun. 2025.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento objetivo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BIATO, Emília Carvalho Leitão *et al.* Do tornar-se professor à criação nos processos de formação em saúde: um estudo biografemático. *Linhas Críticas*, v. 26, 2020. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-04312020000100139&script=sci_arttext. Acesso em 29 jun. 2025.

BIATO, Emília Carvalho Leitão. Mil saúdes por vir: arte e escritura na docência. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, v. 23, n. 1, p. 133-151, 2021. Disponível em <https://uniso.emnuvens.com.br/quaestio/article/view/4041>. Acesso em 22 jun. 2025.

CAMPOS, Lúcia Soares de. *A constituição de si*: investigação otobiográfica com formadores de professores. 2012. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso (Instituto de Educação), Cuiabá, 2012. Disponível em <https://ri.ufmt.br/handle/1/916>. Acesso em 29 jun. 2025.

CARVALHO, Thaís Cristina Rodrigues de. *Estudo das vivências e do perfil dos alunos ingressantes no curso de Odontologia da Universidade de Brasília*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Odontologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27342/1/2020_ThaisCristinaRodriguesDeCarvalho_tcc.pdf. Acesso em 26 jun. 2025.

CORAZZA, Sandra. A-traduzir o arquivo da docência em aula: sonho didático e poesia curricular. *Educação em Revista*, v. 35, p. e217851, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/hHpS8fS8pXrzVzBZLGc8JdS/?lang=pt>. Acesso em 20 jun. 2025.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, Jacques. Imprevisível liberdade. In: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que Amanhã...* Diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 63-79.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DERRIDA, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. *Revista Cerrados*, v. 21, n. 33, p. 229-251, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*. Rio de Janeiro: Zazie, 2021. Disponível em https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2024/06/PBE_Jacques-Derrida_Otobiografias_Zazie-Edicoes_2021.pdf. Acesso em 13 jul. 2025.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. A escuta sensível das narrativas médicas. *Intersemiose*, v. 5, p. 78-98, 2014. Disponível em <https://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2014/08/08.pdf>. Acesso em 04 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 42, n. 3, p. 21-40, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/intercom/a/5MWfZsWbCgVbQ6W8dshHz4p/?format=html&lang=pt>. Acesso em 13 jun. 2025.

MONTEIRO, Silas Borges. Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 471-484, set./dez. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/3KnMdqsmbyYkcdscx6RyrSBx/?lang=pt>. Acesso em 14 jun. 2025.

MONTEIRO, Silas Borges. Labirinto Otobiográfico In: CORAZZA, Sandra Mara. *Métodos de Transcrição: Pesquisa em educação da diferença*. São Leopoldo: Editora Oikos, 2020. p. 551-574.

NIETZSCHE, Friedrich. Fragmento póstumo, KSA 10, 5[1]208, p. 211. 1873. Disponível em <https://www.nietzschesource.org>. Acesso em 02 jul. 2025.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SANTANA, Lílían Rose A. N. Garcia de; MONTEIRO, Silas Borges; DE MORAES SOUZA, Márcia Helena. A otobiografia como uma nova perspectiva para as pesquisas em educação. *Caderno*

de *Publicações Univag*, n. 6, 2010. Disponível em https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/116366519/550-libre.pdf?1719368630=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA+Otobiografia+como+uma+Nova+Perspectiva.pdf&Expires=1759584368&Signature=Qr~bvZWjm-445E7G2GX4MpvKdec6VfZO9Mu2f~Io3--W-2NwjrfAa1aqQnLX6NlkReH7RluzREXWOopP8wyVvRIVvLiDepD6QWhSvwYkA5f5L7OssM-wHLJxBS4K'TJ9KWik5fdB76edTI7t5rfA84jSBHlOZ8guKU4EMWNsDMR13I3wyioDOIVlltUsQulwgA6aLNtrdtHtpottF-n5i5Xk1NuiCvu31mcrdQ~EW1IwaWLeieyDgpQAKKjXo9YcimT3HEUC4HAIDrfwTz5B8C2annykYjVMY27VgeZkvgg92ZS1izAx94CwKmMQx1ZBnCmO6r4cQOzh3YWec2Pi0wA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em 19 jun. 2025.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Submetido em setembro de 2025

Aprovado em outubro de 2025

Informações das autoras

Thaís Cristina Rodrigues de Carvalho Sampaio
Universidade de Brasília
E-mail: thaiscrodriguesc@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1633-5337>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0461039223922612>

Emília Carvalho Leitão Biato
Universidade de Brasília
E-mail: emiliacbiato@yahoo.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4358-4558>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1776414386448708>